

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM
SAÚDE - EDUCASAÚDE
RESIDÊNCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL
COLETIVA**

**BREVE CANTO DE UM ENCONTRO POSSÍVEL: DA SAÚDE MENTAL À
HUMANIZAÇÃO DO PARTO E DO NASCIMENTO**

GISÁH MICHELS CHEIN

Porto Alegre, março 2016

Gisáh Michels Chein

**Breve canto de um encontro possível: da Saúde Mental à Humanização do Parto e do
Nascimento**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Faculdade de Educação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito parcial para
Conclusão Residência Integrada Multiprofissional em
Saúde Mental Coletiva.**

Orientadora: Profa. Rose Teresinha da Rocha Mayer

Porto Alegre, 2016

RESUMO

Este trabalho é parte do que vivenciei nos últimos meses de minha gestação enquanto residente em Saúde Mental Coletiva. Retrata um tanto do que vivi e senti ao me deparar com escolhas feitas ao longo do navegar do ano de 2015, na tentativa de encontrar um diálogo possível entre o caminho já sendo trilhado, da Saúde Mental no serviço do Consultório na Rua de Porto Alegre, e o caminho da Humanização do Nascimento, a mim apresentado no ano anterior.

Por meio da metáfora do trabalho de parto na distribuição da escrita, composta também pelos diários de campo construídos durante o tempo em que estive em contato com mulheres gestantes em situação de rua. Canto e conto minha navegação entre os mares da Saúde Mental e do recente mergulho no tema do Parto e Nascimento, através da formação para atuar como Doula.

Gestação longa e desafiante a de me escrever nestas linhas, incluindo os dilemas vividos na tentativa do encontro possível entre os mundos que transitei. Trago também em notas musicais, um pouco da inspiração no descortinar breve do cenário da atenção à gestação e parto. Além disso, as interfaces possíveis percebidas ao longo do processo da residência e meu canto, de pessoa navegante, que tomou rumo distante e segue, ainda e talvez sempre, aprendiz do estar no mundo, com paciência de criança nascendo.

AGRADECIMENTOS

Por certo, palavras, de tão pequenas neste momento, não expressam o todo sentido ao recordar o caminho cruzado, trilhado e recriado a cada dia.

Em letras de música, meu coração canta a gratidão imensa e eterna:

Aos seres de luz que me guiam, o Grande Mistério, a Mãe Terra;

Aos que me receberam e iniciaram no eternal vai e vem das ondas da vida, minha família;

Ao EducaSaúde, por ter me contemplado com a oportunidade de ser o quinto profissional de Enfermagem a construir e vivenciar estes dois anos com meus colegas, os quais só poderiam ser, Talitha Raffo, Daniele Scholz, Leo Jaime da Silva e Lairton Martins. Grata por terem me ensinado e ajudado nas tantas crises com nossa profissão, a fim de que eu pudesse ser melhor cuidadora, pessoa e ser tentante humano;

Em nome destes, agradecer, recordar e amar todos e todas residentes do ciclo 2013/2014, incluindo a turma sucessora, nas pessoas de Dinaê Martins, Gabriela Zuchetto, Geórgia Cardoso e Nádia Duque. Grata pela parceria e apoio neste eterno quase fim, bem como também à Paula Fillipon, coordenadoras, funcionárias, enfim, à toda Educafamília;

Às e aos profissionais, pessoas frequentadoras e seus familiares, dos serviços por onde estive - CAPSi Sacai/NH, NASF Glória/Cruzeiro/Cristal/PoA, Gestão da Política Estadual de Atenção Integral à Saúde da Pessoa Privada de Liberdade, e, em especial o Consultório na Rua/PoA. Grata pelo acolhimento e pelas oportunidades de me construir enquanto profissional, usuária e defensora do SUS;

À orientadora Rose Mayer, grata pela paciência sem tempo;

Aos bebês e suas mães que me oportunizaram a honra de participar de seus nascimentos, e juntamente, renascer também para este chamado.

Às demais irmãs e irmãos de trilha, Karolina Freitas, Alessandra Duzac, Juliana Ferreira, Martha Jacondino, Munique Barnasque, Aline Fuzzinatto, Família Casaredo, Putinhas Aborteiras, Família adotiva do Diretório de Enfermagem da UFRGS;

À Gabriele Bragatto, por me ensinar a amar.

AGRADECER E ABRAÇAR

Gerônimo

*Abraçei o mar na lua cheia
Abraçei o mar
Abraçei o mar na lua cheia
Abraçei o mar
Escolhi melhor os pensamentos, pensei
Abraçei o mar
É festa no céu é lua cheia, sonhei
Abraçei o mar*

*E na hora marcada
Dona alvorada chegou para se banhar
E nada pediu, cantou pra o mar (e nada pediu)
Conversou com mar (e nada pediu)*

*E o dia sorriu...
Uma dúzia de rosas, cheiro de alfazema
Presente eu fui levar
E nada pedi, entreguei ao mar (e nada pedi)
Me molhei no mar (e nada pedi) só agradei*

SUMÁRIO

1. Resumo	4
2. Agradecimentos	5
3. Introdução	7
4. Pré – trabalho de parto	10
5. Primeiro período – Dilatação	12
6. Período de Transição	16
7. Segundo Período – Expulsivo	21
8. Terceiro Período – Dequitação	25
9. Referências	28
10. Inspiração sonora	29

INTRODUÇÃO

“Não quero lhe falar, meu grande amor das coisas que aprendi nos livros. Quero lhe contar como eu vivi e tudo que aconteceu comigo...” Belchior

Não sei, só sei que foi assim... Renasço aos 22 anos, do encontro com o movimento estudantil e, por obra de alguns seres que me guiam, com a Saúde Mental. Quando se vê o mundo com outros olhos e sentidos, sente-se, novamente, criança. Parece exagero, pieguice e romantismo, mas não é. Está sendo a maior transformação já vivida por mim. A descoberta do poder do corpo, dos movimentos, dos afetos, da coragem, do ir sem saber aonde, a libertação de alguns pudores, descoberta de alguns poucos medos, a sede pelo desconhecido, a ida e volta do céu.

Já que te descobre gente de si e dos encontros, começa a viver. Comigo foi assim. Construção e desconstrução contínuas me inundam todos os dias. Agora, ainda mais forte, mais intenso, claro e pleno. Estar onde se quer tem um não sei quê de felicidade. Esta passagem surge em palavras no sexto dia de março de 2013. A Residência em Saúde Mental Coletiva, enfim, inicia.

Sinto que minha vinda do interior do Estado aconteceu bem antes de então. Meu ‘êxodo rural’ já estava previsto. Algo me dizia que meu grito de liberdade seria dado aqui, na capital. Lugar este que não mais considero a cidade que escolhi como morada, mesmo com seu cenário diverso e acolhedor. Isto se deve, talvez, a um quase afogamento no cotidiano esquizofrênico e encantador deste chão. Descobri o quanto não sabia... aliás, sei quase nada da vida. Foi e é olhar para os lados, assistir e viver contradições, e atentar ao que me transforma de forma intensa e imensurável.

*“O real não está na saída nem na chegada,
ele se mostra pra gente
é no meio da travessia.”*

Guimarães Rosa

Pretendo, humilde e musicalmente, contar um pouco do que se passou durante minha travessia. Por mares, ora revoltos, ora serenos, que me fizeram atracar e compilar estes diários

de bordo, encharcados de impressões, sensações, questionamentos, ancorado pelo estilo *sentipensante*, como nos brinda Eduardo Galeano, com suas palavras que abraçam. Assim, me desafio a escrever na tentativa de não separar o que penso do que sinto. A razão do coração. A onda, do mar.

Aos 23 dias do mês de julho de 2014 inicio o processo de escrita de uma parte da minha vida através deste trabalho. Entendo como quase inviável não falar sobre mim enquanto protagonista deste processo através de uma metáfora que diz muito do que tenho vivido nesta mescla de final e início de ciclo – da data supracitada até o mês da partilha destas palavras, conto em torno de oito meses, mais ou menos 36 semanas e 5 dias da minha primeira gestação. A de mim mesma.

Isto se deve à minha aproximação com a temática da Humanização do parto, através da formação para atuar como Doula, também conhecida como acompanhante de parto, realizada em setembro do ano de 2014. E mais um encontro arrebatador acontece, tal como foi com a Saúde Mental, pois, retorno do curso certa de seguir neste rumo também.

Porém, na época, ainda tinha meio ano de residência pela frente. Um dos maiores desafios foi, e segue sendo, através deste trabalho, a tentativa de trazer para o meu cotidiano no Consultório na Rua – Centro de Porto Alegre, serviço que recebeu a residência pela primeira vez no ano de 2014, um pouco do que aprendi no curso. Neste serviço onde pude ter contato com muitas pessoas, entre elas, especialmente, algumas mulheres gestantes em situação de rua.

Bem, mas o que me leva a escrever?

Pergunto-me sobre a descoberta desta vontade Doula e sobre este encontro da Saúde Mental. O que compartilham?

Mulheres que moram na rua, que se empoderam ou não dos seus corpos, do uso de suas drogas, das suas rotinas e neste momento, das suas gestações.

Seguindo a estibordo, penso em contar um pouco do que vi e vivi das histórias destas mulheres, com a sincera intenção de dizer algo que ainda não tem nome, parafraseando Lispector. O que compartilhei com elas durante os encontros? O fato de ser mulher? Mas não

só isso. Talvez tenha sido e ainda é o fato de que preciso construir um projeto de vida para mim também! E compartilhar isto, creio eu, tem sido demais.

Escolho, pois, dividir estes diários de bordo em cinco momentos, representados pelos períodos do trabalho de parto. Início, então, pelo que chamam de pródromo ou pré-trabalho de parto. Sinto, neste momento, algumas leves e arrítmicas contrações. Estas serão seguidas pelos períodos posteriores:

Primeiro período – dilatação,

Período de Transição – antecede o nascimento propriamente dito,

Segundo período – expulsão,

Terceiro período – dequitação, especificamente, este se refere ao nascimento da placenta.

PRÉ – TRABALHO DE PARTO – Alegria, preparação, leves cólicas...

Dentre os incontáveis momentos dignos de serem recordados com uma saudade que (ainda) não dói, creio que os primeiros dias merecem partilha. Mais precisamente falando, os dias em que fomos nos perder. E, sim, nos perdemos no inferno de um ato pelo dia que se escolheu comemorar a luta da mulher, como se esta não lutasse todos os dias, e bem-aventuradamente, nos encontramos.

Finalmente, subimos aos céus. Um paraíso chamado Teatro Voador. Ao adentrar, nos deparamos com uma árvore. Quem teria uma árvore em um apartamento?! Bem, neste apartamento tem. Tem árvore, balanço, verde e, acima de tudo, amor. O terraço foi o lugar escolhido para aconchegar nosso encontro. Senti-me ora em um clip da banda Graveola e o Lixo Polifônico, ora em uma cena do filme *Le fabuleux destin d' Amélie Poulain...* cheio de cores, nossas cores, nossos prazeres, nossa vontade de não voltar mais à terra dos homens e seguir ali, no reino de Cícero.

O amargo da cerveja contrastava com o doce das palavras que fluíam como em um cântico. As ervas queimavam, aguçando a imaginação, o diálogo e as brincadeiras. Nossa lei era o afeto, nosso perfume o manjericão e nossas vidas, uma só. A noite foi se achegando e os preparativos para a confraternização dos “Rtudo”, planejada pelos nossos veteranos, começaram.

Fogueira para pular e aquecer os corações, violão e gaita para entoar emoções, colegas recém-conhecidos tornando-se amigos para todo o sempre. Garrafas âmbar passavam de mão em mão, latas tilintavam nos lábios de quem não tinha nada a perder... Perder?

Só a vergonha do caos coletivo, a amarra do modo não tão bonito de sentar no chão, os receios ainda existentes pelo porvir. Encontros inesperados acontecem. Um morador de rua se

aproxima. Sente-se parte daquele momento e conversa um tanto. Mais tarde, alguém relata que o mesmo se foi, emocionado por ter sido ouvido.

E assim, os instrumentos se calam e os amigos se recolhem dizendo “até mais”. Não sei que horas eram, e também não importava. Importava o instante, este, ali. A noite, enfim, começa para nós, pois vamos dormir o primeiro de muitos sonos etílicos e serenos.

PRIMEIRO PERÍODO – DILATAÇÃO – Movimentação... introspecção... busca

Caçador de mim

Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá

Por tanto amor, por tanta emoção

A vida me fez assim

Doce ou atroz, manso ou feroz

Eu, caçador de mim

Preso a canções

Entregue a paixões

Que nunca tiveram fim

Vou me encontrar longe do meu lugar

Eu, caçador de mim

Nada a temer

Senão o correr da luta

Nada a fazer

Senão esquecer o medo

Abrir o peito à força

Numa procura

Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai sonhando demais

Mas onde se chega assim

Vou descobrir o que me faz sentir

Eu, caçador de mim

Estas letras me acompanham há algum tempo e trazem sentido à minha forma de viver, assim, numa constante caça de sentidos e lugares nas profundezas internas. E, andarilhando, me encontro como residente no Consultório na Rua, serviço que atende pessoas que estão por um período de suas vidas na situação que o nome denuncia. Algumas delas também andarilham em busca de, entre tantas coisas, um lugar. Seja para descansar depois do trabalho, dormir, passar algumas horas, fazer uso da substância de preferência, alimentar-se, abrigar-se da chuva, satisfazer suas necessidades em saúde, encontrar outras pessoas, encontrar a si mesmo. E, na maioria das vezes que pude presenciar esta busca, não foi tão romântico assim como descrevo.

Esta reflexão me toma em um dia durante a reunião de equipe do serviço já citado, onde discutíamos o caso de uma pessoa atendida, possuidora de longo histórico de institucionalização e “inadequação” aos serviços por onde passou. Houve manifestações pela necessidade de um “lugar especial” para esta pessoa. Perguntei-me muito que lugar seria este, bem como, qual o lugar das tantas outras pessoas nesta situação.

O desafio, então, é lidar com as contradições e crises produzidas, tentando olhar para as potências existentes. Assim foi a maneira como aprendi a canalizar energia nas/das pessoas que, ainda nas mais precárias condições, tentam e conseguem encontrar sua forma de viver, sobre a qual, ainda recaímos na pretensão de julgar o nosso modo de vida mais correto e saudável.

Uma das situações aonde isto me vem, foi o acolhimento de um usuário, *Agapanto*, no mínimo incomum. Um dos retratos da potência da rua. Da primeira vez que conversamos, ele trouxe elementos teóricos de Freud, Lacan, Jung (‘que brigou com Freud’), foi do criacionismo ao evolucionismo, entre outras tantas coisas que falava em um ritmo acelerado, sem muitas conclusões, salpicando de assunto a outro. Conhecedor de muitos lugares, dizia-se jornalista e no passado, dono de uma invejável conta bancária. Tanto que, por momentos nos dizia “e aí, quando cada um de vocês me emprestar 3 milhões ainda hoje, vou poder fazer isto e isto...”.

Se fosse possível voltar no tempo, resgataria o momento em que ele diz para mim e para *Crisântemo*, doutorando que dedicava alguns turnos de sua pesquisa conosco, que “ah, mas amanhã eu acho que vou poder ir até o Barra (Shopping), tomar um ensopado de língua de canário belga, com um Casillero...”. Bem, ele não conseguiu concluir a frase diante do meu acesso de riso. Nós três ríamos como em um encontro de velhos amigos depois de muito tempo. Nada é, portanto, por acaso. Algumas horas antes, eu e *Crisântemo*, falávamos sobre os

¹encontros e a certeza de que são estes que nos sustentam diante dos momentos frequentes de desterritorialização, seja ela de qualquer natureza.

E, depois deste encontro, tivemos mais dois. Estivesse *Aga*, soluçando devido à cachaça ou não, seguia dizendo três coisas “seja rica, feliz e próspera”. Além disto, toda vez que nos encontramos, repetia que só precisava de um lugar para ser ele mesmo e para terminar de escrever seu livro.

Por vezes me sentia sem saber de onde eu sou, pois, minha casa está na fronteira... fronteira entre o que se quer, o que se acredita, o que se pode, o que se quer desprender, desapegar, desconstruir, desagregar, desinstitucionalizar, desintegrar, desconfigurar, desconectar, desobstruir, desenfrear, desdobrar... ou não. Drexler me faz pensar limites quando sento no banco, que fica bem no meio do corredor da unidade fixa do consultório. Sinto-me melhor, mais parte do todo e ao mesmo tempo suprimindo imaginariamente um pouco as paredes que separam cada sala, cada qual com suas quatro paredes devidamente calculadas, planejadas e desejadas por muitas pessoas... um lugar criado e constituído para o que se costuma chamar cuidado... será?

Aprendi no Consultório na Rua que, para cuidar, não existe lugar certo ou errado. A feitura do lugar e as ferramentas escolhidas dependem de como se afetam os seres que se propõem a se cuidar.

Ayres (2004) nos traz o Cuidado em uma dimensão operativa, jogando luz à ideia de *atitude terapêutica* que busca seu sentido de existir, bem como na esfera atitudinal, quando fala na humanização através da reestruturação das práticas de cuidado. Sem esquecer do desafio existente no diálogo entre o técnico e o não técnico, também destacado pelo autor, imprescindível para o êxito da humanização dos encontros.

Dito isto, reflito aqui sobre o que me instiga neste navegar por dois mundos, ao identificar neste mesmo aspecto, da atitude de cuidado, um dos gritos mais importantes do movimento pela Humanização do Parto e Nascimento. A mudança de atitude frente ao processo gestacional e o parir. Não basta disponibilizar bolas de pilates nas maternidades se, no momento

Os nomes de flores substituem os nomes das pessoas que contribuíram com todo este processo

em que a mulher estiver parindo, comentários como “na hora de fazer foi bom” seguirem sendo disparados pelas equipes cuidadoras. Ainda não ajustamos o gesto à palavra.

A Humanização do Parto e do Nascimento é um dos tantos braços criados a partir da Política Nacional de Humanização e Gestão do SUS, nascida no ano de 2003. Brasil a fora se deu o garimpo por experiências do “SUS que dá certo”, trazendo à tona os desafios de trabalhar sob a égide da indissociação da produção de saúde e de subjetividades (BRASIL, 2014).

Vem daí a experiência do Plano de Qualificação de Maternidades e Redes Perinatais da Amazônia Legal e Nordeste Brasileiros (PQM - 2009/2011), a qual serviu de pilar para a criação da Rede Cegonha (RC), no ano de 2011. Processo concebido com o objetivo de garantir às mulheres e crianças atenção integral em todo o ciclo gravídico e pós-natal, através, principalmente, da criação de condições para a mudança de práticas no processo de trabalho nos serviços de saúde do SUS (BRASIL, 2014).

A partir do que Diniz (2005) nos traz sobre a humanização como a “necessária redefinição das relações humanas na assistência, como revisão do projeto de cuidado, e mesmo da compreensão da condição humana e de direitos humanos”, ousou entrelaçar com o conceito de Saúde Mental Coletiva, criado por Sandra Fagundes, no ano de 2009, que diz:

processo construtor de sujeitos sociais desencadeadores de transformações nos modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão do cotidiano das estruturas de mediação da sociedade, extinguindo e substituindo as práticas tradicionais por outras capazes de contribuir para a criação de projetos de vida.

Suponho então, que haja coerência no que dizem as autoras, uma complementando a outra, na esfera da humanização da assistência à gestação, parto e nascimento como parte de um processo milenar de evolução para uma sociedade diferente e preocupada com o projeto de vida coletiva construída ontem, hoje e futura.

Quando projetos de vida têm por objetivo a emancipação dos participantes destes, existe então a possibilidade de olharmos mais profundamente para a forma como está sendo pensada, construída e estruturada a sociedade em que vivemos, desde que nascemos, bem como desde que nascem quem cuidamos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO – Relaxamento... concentração...

E mais uma reviravolta.

A formação para atuar como Doula me transforma inexplicavelmente. Sinto que é isto que quero fazer, por um bom tempo da minha vida. Há muito que aprender, mais do que imaginava. Doula, palavra de origem grega, quer dizer “aquela que serve”.

Jamais supus que pensar a questão do nascimento envolve também violência de gênero, uma vez que a violência obstétrica acontece todos os dias, é legitimada e aceita, assim como outros tipos de violência. Então, é de lembrar a sutileza com que o machismo envolve e desfigura uma atividade que, antigamente, era de protagonismo das mulheres. Hoje, o cenário da assistência obstétrica ainda segue pautado pela relação de poder do saber médico sobre a massa feminina que, precisa e tem direito a atenção respeitosa a todo seu ciclo gravídico. Resgatar o poder, a autonomia e a escolha das mulheres e suas famílias tornou-se, então, uma das premissas do movimento pelo parto e nascimento mais respeitados e dignamente atendidos.

Uma das concepções mais claras, porém, ainda muito subtraída, é o que nos aponta Diniz (2009), em relação ao parto como fenômeno sexual e o quanto a atenção ao mesmo denuncia a construção cultural de uma sociedade. Os pilares católico-apostólico-culpabilizadores-romanos ainda sustentam o modo amedrontador, pouco saudável e com peso pecaminoso como a vivência da sexualidade humana de uma forma geral é vista. Denota-se aí o grau de dificuldade com que é encarado o fenômeno do parto em uma sociedade que nasce e cresce ouvindo histórias de cegonhas e desenvolvendo de uma forma quase doentia os períodos, que bem podem ser, férteis e criativos da descoberta do ser sexual que todos somos. Ainda seguimos pifiamente orientados e, contraditoriamente, estimulados de forma desmedida a uma vida sexual, na qual o que menos importa é a qualidade, a profundidade e o respeito com que o tema é tratado.

Constrói-se, então, a lógica machista e opressora de ensino, pautada por padrões a serem seguidos, acrescida de violência e, especialmente, ridicularização da mulher. Uma das formas de ver este fenômeno, conforme a autora acima citada, é a crença no corpo feminino como uma

máquina defeituosa, imprevisível e que necessita de urgente reparo. Daí a superestimação da tecnologia, ferozmente empregada para tal fim.

Portanto, a tela atual é da humanidade que, infelizmente, caminha para a evolução através da indústria do parto e não mais pelo poder criador das mulheres e bebês. Fica a pergunta: se não olharmos atentos para a hora de receber um novo ser habitante deste mundo, como conseguiremos lidar com o louco, a pessoa em situação de rua, entre outros caracterizados pelo desalinho, pelo estranhamento que causam, pelo asco que provocam?

Tive oportunidade de me aproximar da teoria do apego, através de um curso com Alexandre Amaral, um estudioso da psicologia do parto, o qual me fez refletir sobre o último momento de conversa com *Hortênsia*, colega de trabalho no campo da Secretaria Estadual de Saúde. Entre idas e vindas, trocamos experiência sobre nossas relações com nossas mães, e assim seguimos até chegarmos ao modo como as crianças dela nasceram. Duas cesáreas, sendo que a primeira teve como motivo (ou desculpa) desproporção céfalo-pélvica, nome dado ao fenômeno do pouco espaço do canal de parto em relação ao tamanho da cabeça do bebê, o que não se constitui em indicação real para a cirurgia cesariana, uma vez que existem técnicas de compressão dos ossos pélvicos da mulher para facilitar a passagem do bebê.

Refleti e fui logo procurar algo sobre o que conversamos, assim como tenho feito com quase tudo que ouço, agora com outros ouvidos, sobre nascimento. Conversamos novamente e ela, então, me lança algo que percebi ser um ponto da luta que a Saúde Mental defende – o cuidado que precisamos ter para não nos tornarmos prescritivas às avessas – e isto veio para mim como uma luva, pois, como em qualquer outro movimento, o da Humanização tem ainda seus mecanismos excludentes. Percebi o quanto tenho tendência a radicalizar minhas posições e pensamentos quando acredito piamente em um só aspecto do que tenho como foco no momento presente.

Comento com Rose, minha paciente orientadora, e ela repete a ideia de “projeto de vida”, pois, complementamos sobre como é importante não nos deixarmos cair na tentação antes citada,

bem como respeitar a singularidade de cada pessoa, ainda mais quando gestante, pois é isto que torna nossos olhares mais sensíveis, atentos.

Agora leio novamente a expressão “projeto de vida” e lembro o livro que estou lendo: Parto Ativo, de Janet Balaskas (2014), o qual traz a construção da luta pela devolução do protagonismo da mulher sobre seu corpo e, com isto, seu parto. Reflito também que, no momento em que estamos a cuidar de uma pessoa com alguma questão em Saúde Mental temos ciência, quase que o tempo todo, disto – de que uma das nossas funções, senão a mais coerente, é a de auxiliarmos na construção de autonomia e protagonismo desta pessoa. E este papel é muito semelhante, para mim, quando penso na humanização do nascimento. É isto. É ajudar a mulher nas suas reflexões e decisões sobre si, sua criança e seu círculo familiar.

Agora pensando um pouco no curso com Alexandre, recordo-me dele dizendo que não é meramente um movimento para que as mulheres possam parir em paz, sem complicação, e até mesmo morte. É porque se acredita em uma nova forma de vida, de humanidade. Talvez seja aí mais um ponto onde nos encontramos com a Saúde Mental no tema do parto e da liberdade do corpo da mulher. RATTER (2009) joga luz a este movimento, através da humanização e sua proposta ética, estética e política, desde a qual se deseja, com isto e por isto, uma sociedade mais democrática, e por seguinte, menos violenta, coerente com os princípios do SUS, acrescido de sororidade e liberdade de expressão sexual, corporal e também, refletindo a garantia do direito ao respeito durante a parturição.

Não se trata apenas de um movimento pela vida. Pela vida em liberdade, bem como defende a Saúde Mental. Acredito que é uma contracultura. Em comum com a luta da Saúde Mental, estas crianças, mulheres e suas famílias são entendidas e defendidas como outro tipo de gente, que quer no ato, sendo e fazendo diferente com os próprios corpos. Existem muitas formas de empoderamento e, neste momento, me vem também a questão de gênero, pois, ainda não consigo ver outra forma tão grandiosa quanto a mulher ter seu corpo como aliado na expressão de poder, de retomada da autonomia sobre si e, assim contribuindo para uma mudança na forma como entendemos e vivemos a sexualidade, a vida e também a morte. Três elementos fundamentais, intrigantes e indissociáveis para refletir, de certo modo, marcadores

de vida. Lembro bem de quando percebi que a humanidade nunca conseguiu controlar estes fenômenos. Talvez seja por isso que são tão temidos, assim como o parto.

É um ato de coragem querer parir? Talvez sim. Talvez seja um ato de coragem de combate às amarras cotidianas, combate à cultura e aos ensinamentos machistas que ainda imperam na vida das mulheres, desde quando meninas (“é fraca, vai sofrer, não vai aguentar”), combate ao desrespeito, à mecanização, à agorização da vida.

A Saúde Mental, através do Movimento Antimanicomial, também é uma contracultura. Contra a cultura do igual, do homogêneo, do certo e do errado, do aceitável e do inaceitável, do que transgride e do que permanece no mesmo lugar como deve ser, como se quer que seja.

Lembrete*Luiz Gabriel Lopes*

Meu amigo, não se esqueça do dia em que isso começou e desde então, de tudo que essa vida deu

Meu amigo reconheça, o barco que nos leva é um e o sol que nos aquece a voz e o coração é bem maior do que esse medo, esse nó que aperta vez em quando o peito e devagar, fortalece a caminhada, despertar pra uma nova travessia

Deixar esvaziar, saber que a hora certa logo vem, sem pressa, deixa estar que não demora

*Não se esqueça que esse violão é o seu endereço e que esse verão é só o começo
de outros tantos que virão...*

E eu sei que nunca vai faltar e temos muito o que aprender com o que já passou

Se concentre meu amigo, no impulso que nos faz cantar e faz brotar a poesia sempre devagar e é devagar que se desfaz todo medo que insiste em apertar os nós

Mas meu amigo reconhece-te a ti mesmo, dê valor ao caminho que te escolhe

Palavras têm poder e os rastros que deixamos por aí depressa vão chegar no infinito

SEGUNDO PERÍODO - EXPULSIVO – Devagar... Respirar... Falta pouco

Não me venha falar na malícia

De toda mulher

Cada um sabe a dor e a delícia

De ser o que é

Caetano Veloso

Gostaria de manter neste momento, a íntegra dos diários que pude compor durante o período em que estive em estágio eletivo no Consultório na Rua, pois, em 14 de janeiro de 2015, a exatos oito dias do prazo inicial de entrega deste trabalho, penso que gostaria de contar histórias que não se repetem.

Contudo, as histórias das mulheres em situação de rua têm um coro afinado. Tanto na dor como na delícia, como nos empresta o poeta.

Aos seis dias do mês de janeiro, inicio a segunda etapa do estágio eletivo no Consultório na Rua. Vou acompanhar mais de perto duas gestantes em situação de rua. *Violeta** e *Jasmim**. Cada uma com, mais ou menos, 28 semanas de gestação. Não foi tão fácil o diálogo com a equipe. Na verdade, ainda não tinha planejado bem o que gostaria de fazer. Desejava realizar uma abordagem mais voltada para os aspectos relacionados com a tríade mãe-bebê-pai, bem como a situação na rua e tudo que isto envolve, suas dores e delícias. Porém, não foi exatamente o que ocorreu. Eis aqui, o relato da feitura do possível, em ato.

Estivemos hoje, eu e a enfermeira *Bromélia*, nas saídas à rua. Eis que conheço *Jasmim*. Conversamos sobre várias coisas, dentre elas os sinais de uma possível gestação. O resultado do teste é positivo. Ela chora com poucas lágrimas, mas um desespero no olhar capaz de me derrubar. Seus outros filhos estão com sua mãe. Aparenta uma força intensa de luta pela vida, um temperamento afiado e uma franqueza assustadora. Conhecedora do seu corpo, disse que “era pra vir a menstruação dia 27, mas ai passei o ano novo em casa e acabaram acontecendo

coisas erradas...”. Aparentemente, sabia que podia estar grávida. Combinamos sua ida à unidade fixa do consultório para coleta de exames de rotina e uma conversa mais profunda.

Depois de algum tempo, encontro com Violeta e vamos ao laboratório. Ela tem estado atenta à condição de saúde e o afeto com o bebê me surpreendeu. Disse que por ele, faz qualquer coisa, quando a elogiei pelo resultado dos últimos exames, o que denota talvez, de certa forma, sua construção como mãe. Creio que este fato pode se constituir em um projeto de vida, pois, mesmo com o uso do álcool, o que já tem produzido efeitos no bebê, ela se mostra interessada e tenta pensar em modos diferentes de vivenciar o que se apresenta. Curioso foi hoje, ao nos despedirmos, ela demonstrar certo desdém em relação ao companheiro quando falamos sobre sua consulta. Ela havia dito que eles estavam mantendo distância. Percebo ali outra mulher, naquele pequeno instante, muito diferente da que conheci no início da gestação. Cabisbaixa, submissa e dependente do companheiro em muitos aspectos, tanto emocional, como em relação à sua sobrevivência na rua. O que é, diga-se de passagem, comum, uma vez que são poucas as mulheres que sobrevivem dignamente sozinhas nesta situação.

Falei com *Violeta* no mesmo dia em que pensei nisto, com ajuda de minha colega de campo, *Orquídea*, que tanto me fez ver e enxergar melhor durante estes dias. Aproximamo-nos, o companheiro estava próximo a ela, sempre com seu olhar misterioso que me deixa insegura de alguma maneira. *Violeta* relata enjoo e azia. Vomitava quando chegamos. Diz não conseguir mais se alimentar como antes. Falamos sobre evitar coisas ácidas como café puro, limão.... e álcool. Ela diz que não bebe há alguns dias, só no final de semana. Era terça feira. Fala da barriga, do bebê que vai ser pequeno. Eu tento tranquilizá-la dizendo que examinando é que a gente consegue ver bem o peso, não só assim, em pé, como ela estava. Ela diz, por vezes, esquecer a gravidez e aí, bebe. Seguem em busca de um lugar para alugar. Dizem que querem muito ficar com a criança.

Esta mulher me ensina muito, principalmente sobre minhas expectativas. Fico pensando se não vomitava mais do que comida mal absorvida pelo estômago já bem machucado pela bebida. Talvez vomitasse o fato de não aguentar mais estar na rua, o quanto se incomoda com

o cotidiano, suponho também sua incerta sobrevivência sem o companheiro, bem como as dificuldades de levar uma gestação com tantos estigmas.

Hoje, 19/01/2015 é aniversário de *Strelitza*, a primeira mulher que acompanho como Doula. Renascemos também, as 6:45 da manhã do dia 17/01/2015, de um parto lindo e curador pra todos nós. Meu primeiro parto domiciliar... primeira experiência prática, profunda, intensa e inexplicavelmente linda no mundo do nascimento. Ainda custo a acreditar, tanto no acontecimento quanto no meu potencial como doula. O rosto daquela mulher denunciava toda a força de quem sempre sonhou com aquele momento. Sinto-me extremamente honrada de ter participado deste processo ativamente, desde quando nos conhecemos. Cada vez mais tenho a certeza de que sei muito pouco e que o caminho será um tanto longo.

Falando sobre *Violeta* e *Jasmim*, percebo que gostaria de mostrar neste trabalho outra face da mulher em situação de rua.

Recordo *Strelitza* e o momento em que ela me olha com um olhar entreaberto e misterioso, e diz “não vai dar tempo de encher a piscina”. Está ali também ela, nascendo, forte e poderosa como ela só. Aí me vem *Jasmim*, de rosto sofrido, uma carranca que pesa também em meus ombros só de ficar perto dela, grávida, em situação de rua, trabalhando quase todas as horas do dia e que me diz, quando conversamos sobre seu uso de crack, que só usa de noite, para dormir melhor. Digo que não sabia disso, pensava eu, do alto da minha ignorância, que a pedra a deixava “ligadona”. Responde-me ela que “pedra boa ‘chapa’ e faz dormir, pedra ruim não”. Não caibo em mim de tanta admiração por ela e percebo que a Redução de Danos ensina um outro olhar no/pro/do mundo!

E aí penso, que mulher é essa? Que poder é este? Finalmente, achei que até o final da residência não ia conseguir ver uma cena concreta, ouvir um relato real do tanto que teorizam os estudiosos da redução de danos. *Jasmim* administra seu uso conforme lhe causa menos dano, com autonomia e também, penso eu, levando muito em conta a gestação. *Crisântemo*, colega do consultório, me relata que, na consulta com pneumologista, ela, raivosa, diz “só porque

“você acham que eu sou drogada quer dizer que eu não sei o que acontece com meu próprio corpo?!” E sabe sim, o que acontece.

Que mulheres são essas?

Talvez esta passagem da história de *Jasmim* não se repita, pois me pergunto se é de se esperar mulheres empoderadas a este ponto no cenário da rua. Infelizmente, onde a violência de gênero não é considerada violência, talvez muitas mulheres não consigam ter suas vidas nas mãos com tanta precisão. Avassaladoramente.

Estive mais algumas vezes a procura destas mulheres. *Violeta* dentre as árvores da Redenção e *Jasmim* no asfalto escaldante dos arredores da Rodoviária ou na misteriosa Rua Garibaldi. Não mais as vi.

Hoje, 15 de janeiro, *Agapanto*, um dos mais fiéis usuários do serviço do consultório na rua, de interessantíssimo caminho percorrido pelo Brasil em suas andanças, me dá um barco de presente. Um barco feito artesanalmente, de cobre e ferro, pequeno, porém de enorme sentido, pois reforça ainda mais meu modo navegador de viver a vida e me escrever através deste trabalho.

TERCEIRO PERÍODO – DEQUITAÇÃO – finalmente... nascemos

No nos da risa el amor cuando llega a lo más hondo de su viaje, a lo más alto de su vuelo: en lo más hondo, en lo más alto, nos arranca gemidos y quejidos, voces de dolor, aunque sea jubiloso dolor, lo que pensándolo bien nada tiene de raro, porque nacer es una alegría que duele.

Eduardo Galeano

E assim, por aqui sigo, nas águas da Lagoa da Conceição, remando rumo ao dia em que vou, finalmente, me chamar parteira. Há quem diga que não existe parto demorado. Ele leva o tempo necessário, o tempo da natureza para acontecer como precisar acontecer.

E o que tem acontecido, desde que o ciclo prático da Residência se fechou, tem me levado a outros níveis de transformação, dia após dia e a cada nascimento, tanto dos bebês e seus familiares, como das pessoas que tenho encontrado e de mim mesma. É como se tudo que um dia se aprende sobre evolução espiritual e humana acontecesse, finalmente, gota a gota.

Ter sido navegante em Saúde Mental foi experiência decisiva para o que penso ser coerente com o modo de vida que escolhi e seguir com o que sinto como um chamado. Cuidado antes, durante e depois do nascer, com respeito e em defesa de quem está parindo e sendo parido. Assim sendo, em defesa da vida, da autonomia e da construção de um mundo onde todo e qualquer ser pode ser o que é. Para mim, talvez este é o principal ponto de encontro dos mares da Saúde Mental e da Humanização do Parto e Nascimento.

Passados seis meses de partida, retorno à Porto Alegre, com ânsia por sentir-me em casa. E, encontro *Jasmim* na sua casa. Debaixo do viaduto da Rodoviária. Aproximo-me, peço licença, pergunto se recorda meu rosto. Ela responde que sim. Eu sorrio e digo como é bom revê-la. Ela responde ‘também’. Pergunto-lhe sobre o bebê e recebo a infeliz notícia de que não a deixaram levá-lo consigo. Lembro de ter ouvido muitas vezes da equipe do Consultório que, se as famílias não comprovam moradia, os profissionais da assistência social do hospital não permitem a saída do bebê após o parto. E foi o que aconteceu. Perguntei sobre suas outras crianças. Ela me

responde que estão bem, na casa da avó. Apertando minha mão, ela ainda acrescenta que vai atrás de recuperar seu bebê.

Entendo e procuro não sofrer com o fato de que o cuidado respeitoso e digno à gestação, parto e nascimento que trouxe nesta escrita ainda se encontra no paradigma de uma estrada reta, com poucas curvas, que não atinge todo canto que dela carece, especialmente no sistema público de saúde que se pretende humanizado e, particularmente, às mulheres em situação de rua. Pergunto-me como me sentir humana experimentando sentimentos desafiantes e que, por vezes, demonstro clara imaturidade ao encará-los.

Ainda persiste o dilema de ter vivenciado este contato com estas mulheres e ter escolhido iniciar mais concretamente meu caminho como parteira afastada desta realidade. Porém, tenho ciência das muitas trilhas possíveis para este caminhar. Carrego, certamente, o tanto que aprendi com elas, especialmente sobre mim mesma, que me coloca em quase constante questionamento de meu estar no mundo. Aprendi com elas a me aprender.

E, seguir, ainda como dito inicialmente, na intenção sincera de dizer o que ainda não tem nome e desejar, portanto, a caminhada da resignificância do que me atravessa, para encontrar entre minha incompletude, mais remos, afetos e motivos para seguir navegando.

Carro de Boi*Milton Nascimento**Que vontade eu tenho de sair**Num carro de boi ir por aí**Estrada de terra que**Só me leva, só me leva**Nunca mais me traz**Que vontade de não mais voltar**Quantas coisas eu vou conhecer**Pés no chão e os olhos vão**Procurar, onde foi**Que eu me perdi**Num carro de boi ir por aí**Ir numa viagem que só traz**Barro, pedra, pó e nunca mais*

É... mas, nunca é muito tempo.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Maria Angélica Carvalho; FERREIRA, Petrucia Barbosa. **Apoio Institucional: Tecnologia Inovadora para Fortalecer a Rede Perinatal a partir do Dispositivo**

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde.** Saúde e Sociedade v.13, n.3, p.16-29, São Paulo: set-dez 2004

BALASKAS, Janet. **Parto Ativo: Guia prático para o Parto Natural.** 2ª edição. Editora Ground. São Paulo, 2014.

BRASIL, **Acolhimento e Classificação de Risco:** Caderno HumanizaSUS 1ºed. vol. 4 p. 61-76, Brasília 2014

DINIZ, Simone Grilo. **Gênero, Saúde Materna e o Paradoxo Perinatal:** Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano, São Paulo, 19(2): 313-326. 2009

FAGUNDES, Sandra Maria Sales: **Agua da pedagogia da implicação: intercessões da educação para políticas públicas de saúde.** Tese de mestrado. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16185>. Acesso em 15 de março de 2016

GALEANO, Eduardo. **La pequeña muerte.** El Libro de los Abrazos. Disponível em: <http://www.portalalba.org/biblioteca/GALEANO%20EDUARDO.%20El%20Libro%20de%20los%20Abrazos.pdf>. Acesso em 15 de março de 2016.

RATTNER, Daphne. **Humanização do Parto e do Nascimento. Interface. Comunicação Saúde e Educação.** v.13, supl.1, p.595-602, Brasília, 2009

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Disponível em: <http://delubio.com.br/biblioteca/wpcontent/uploads/2013/10/GrandeSertoVeredasGuimaraesRosa.pdf>. Acesso em 15 de março de 2016.

INSPIRAÇÃO SONORA

BELCHIOR. Como nossos pais. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/belchior/44451/>. Acesso em 15 de março de 2016

MAGRÃO, Sérgio; SÁ, Luiz Carlos. Caçador de mim. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luis-carlos-sa/373403/>. Acesso em: 15 de março de 2016

LOPES, Luiz Gabriel. Lembrete. Disponível em: <http://projetoatlante.blogspot.com.br/2014/08/luiz-gabriel-lobes.html>. Acesso em: 15 de março de 2016

NASCIMENTO, Milton. Carro de boi. Disponível: <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/73354/>. Acesso em: 15 de março de 2016

VELOSO, Caetano. Dom de iludir. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44719/>. Acesso em 15 de março de 2016

DREXLER, Jorge. Frontera. Disponível em: <http://m.lettras.mus.br/jorge-drexler/573788/>. Acesso em 15 de março de 2016

GERÔNIMO. Agradecer e abraçar. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geronimo/438960/>. Acesso em 15 de março de 2016.